

Os mosaicos romanos descontextualizados. Alguns exemplos em coleções de Museus Arqueológicos nacionais e estrangeiros

MARIA DE FÁTIMA ABRAÇOS, Instituto de História da Arte, FCSH/UNL (Portugal)

RESUMO

Neste estudo pretendemos demonstrar de que forma os museus arqueológicos nacionais e estrangeiros podem contribuir para o conhecimento e divulgação dos mosaicos romanos, que foram levantados e se encontram hoje nas reservas ou em exposição fora do seu contexto, proporcionando assim aos investigadores a possibilidade do seu estudo, quanto aos lugares de origem (?), às diferentes intervenções que suportaram, ao estudo dos seus motivos geométricos e figurativos, entre outros. Não podemos esquecer a importância que estes bens têm para o usufruto de todo o tipo de públicos.

A partir da segunda metade do século XIX, algumas figuras individuais e institucionais, protetoras dos achados arqueológicos, tentaram dar a conhecer e salvaguardar esses bens, tentando proteger também os mosaicos romanos. Era prática comum proceder ao levantamento (arranque) dos mosaicos do local da descoberta e encaminhá-los para os museus. Muitas foram as intervenções no sentido da conservação e restauro deste património, mas nem sempre as opções foram as mais acertadas.

Em Portugal, mais de trinta museus guardam nas suas coleções mosaicos, ou melhor, fragmentos de mosaico de que nem sempre conhecemos a sua proveniência. O estado de desagregação de alguns é de tal modo grave, que nos impossibilita de proceder à sua análise, outros encontram-se depositados em locais, onde não é possível aceder-lhes.

Procuraremos apresentar intervenções para o levantamento e salvamento de mosaicos que se encontravam nas ruínas de Apameia, na Síria e que graças à intervenção belga se encontram hoje expostos nos Musées Royaux d'Art et d'Histoire, em Bruxelas. Ainda neste âmbito dos mosaicos descontextualizados, faremos referência a uma pequena coleção de mosaicos de Balquis, Síria, hoje pertença do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

PALAVRAS-CHAVE: mosaico romano, museus, mosaico *in situ*, mosaico descontextualizado, levantamento (arranque) de mosaicos, conservação e restauro.

ROMAN MOSAICS OUT OF CONTEXT. SOME EXAMPLES IN COLLECTIONS OF NATIONAL
AND FOREIGN ARCHAEOLOGICAL MUSEUM*

ABSTRACT

In this study we intend to demonstrate how national and foreign archaeological museums can contribute to the knowledge and dissemination of Roman mosaics, which were collected and are now in the reserves or

exhibited out of their context, by giving researchers the possibility of studying them — the various interventions they've underwent, the study of their geometric and figurative motifs, among others. We can not forget the importance of these items for the usufruct of all types of public.

From the second half of the nineteenth century onwards, some individual and institutional figures, protecting the archaeological findings, tried to divulge and safeguard these goods, while trying to protect the Roman mosaics as well. It was common practice to remove the mosaics from the discovery site and send them to the museums. There were many interventions in the conservation and restoration of this heritage, but the options were not always the right ones.

In Portugal, more than thirty museums keep mosaics in their collections, or rather fragments of mosaic of which we do not always know the provenance. The state of disaggregation of some of them is so serious that it makes it impossible to analyze them, while others are deposited in places where it is not possible to access them.

We will try to present interventions for the lifting and salvaging of mosaics that were found in the ruins of Apameia, Syria, which thanks to Belgian intervention are now exhibited in the Musées Royaux d'Art et d'Histoire, in Brussels. Also within this scope of decontextualized mosaics, we will refer a small collection of mosaics from Balquis, Syria, owned by the National Museum of Archaeology, in Lisbon.*

KEYWORDS: Roman mosaics; Museums; in situ mosaic; decontextualized mosaic; mosaic surveying; Conservation and restoration.*

Em Portugal, só a partir da segunda metade do século XIX, o século em que o Homem europeu sentiu a necessidade de conhecer o seu passado, é que algumas figuras, individuais e institucionais, protetoras dos achados arqueológicos, tentaram dar a conhecer e salvaguardar esses bens, tentando proteger também os mosaicos, que se iam descobrindo, porque todos esses vestígios do passado poderiam contribuir para explicar a nossa origem e redescobrir o mundo greco-latino, que os intelectuais do século anterior consideraram o berço da civilização.¹

BANDEIRA FERREIRA E OS MOSAICOS DE TRÓIA

Este papel coube, em primeiro lugar, à Sociedade Arqueológica Lusitana (S.A.L), criada, em 1850, para proceder às escavações das ruínas de Tróia. Tendo esta Sociedade declinado e desaparecido seis anos mais tarde, os bens arqueológicos, que tinham sido postos a descoberto, foram também desaparecendo com o tempo e só nos anos trinta do século XX, Marques da Costa, a partir do espólio arqueológico e documental

1 Dos mosaicos, que iam sendo descobertos, eram destacados os tesselatos com os motivos figurativos e eram colocados num suporte de gesso ou cimento e muitas vezes encaixilhados, passando a circular pelos antiquários ou eram adquiridos para integrar coleções particulares ou de museus. Este procedimento foi comum em Portugal, conforme o atestam a mais de meia centena de fragmentos de mosaico do acervo do MNA, na sua maioria, recolhidos desde a segunda metade do século XIX, de estações arqueológicas descobertas na região do Algarve. Mais de trinta museus guardam mosaicos ou fragmentos de mosaicos nos seus acervos, mas na sua maioria não têm registo da sua descoberta e levantamento. Quando se escavavam estruturas com mosaicos, raramente se faziam registos minuciosos dos achados e da sua integração arquitetónica e muitas vezes, estas peças, não recebiam número de inventário.

deixado pela S.A.L., “pôde reconstituir mental e graficamente as casas romanas de Tróia”² e os seus mosaicos. Na década de cinquenta, as escavações dirigidas por Manuel Heleno³ e executadas por Bandeira Ferreira voltaram a trazer à luz do dia, apenas uma parte dos mosaicos deixados *in situ*.



Figura 1 — Desenho de mosaico *in situ* (Tróia) executado por Bandeira Ferreira, Diário da campanha de 1956 (AMNA)

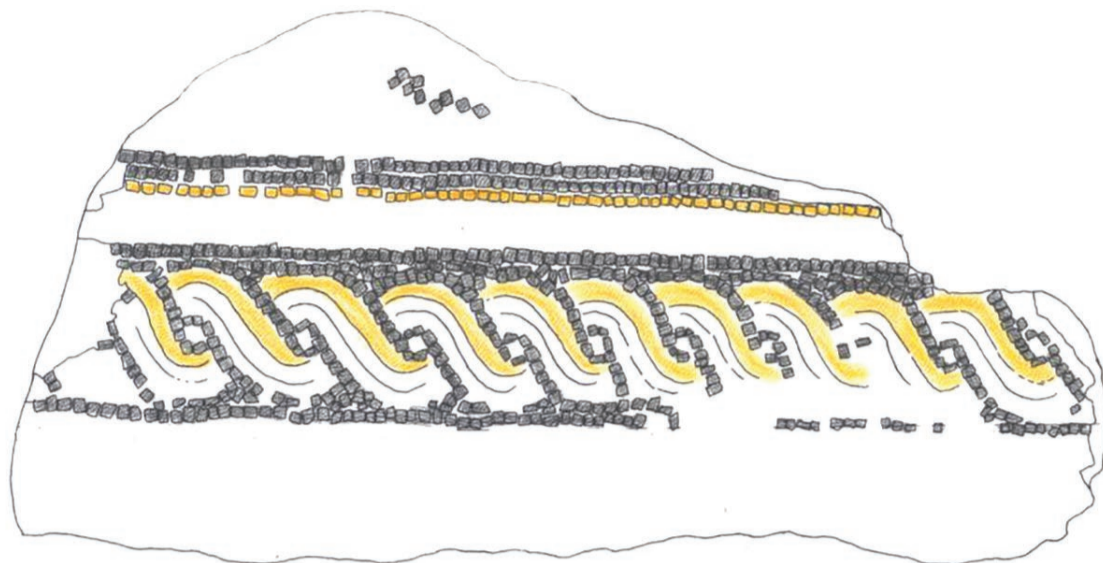
A superfície destes pavimentos vai sendo cada vez mais reduzida e os vestígios vão sendo cada vez mais escassos. O Museu Arqueológico de Lisboa guarda cerca de oito dezenas de fragmentos provenientes desta estação e milhares de tesselas soltas.

POSSIDÓNIO DA SILVA E A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO MUSIVO

Coube, na década de setenta do século XIX, ao Arquiteto Possidónio da Silva continuar a pugnar pela salvaguarda do património artístico Nacional e também pela salvaguarda do património mosaístico, que tentou resgatar da destruição total ou parcial no lugar de Martim Gil, Leiria. Por falta de verbas e de interesse das instituições que salvaguardavam estes bens, Possidónio, apenas, conseguiu salvar e fazer transportar para o Museu Arqueológico do Carmo, o mosaico que considerou mais significativo quanto à policromia e técnica de execução e assistiu, impotente, à delapidação dos que ficaram no local. Atualmente, o Museu do Carmo guarda apenas dois fragmentos de mosaicos, que não apresentavam número de inventário, nem qualquer outro tipo de registo (Abraços 2005: 241-245).

2 Costa, A. I. Marques da (1930-31) “Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal”. *Archeologo Português*, vol. XXIX, 20-24).

3 Este Diário de escavação estava incluído no Arquivo Manuel Heleno do MNA. Inédito e que apresentámos em apêndice na nossa tese de doutoramento (Abraços 2006: 143-146). Apresentámos e transcrevemos as matérias que diziam respeito à descoberta e redescoberta de mosaicos. Gabriel Pereira já tinha procedido a sondagens nesta área e encontrado parte do mosaico do *atrium* da casa escavada por Bandeira Ferreira, conforme é referido neste diário de escavação.

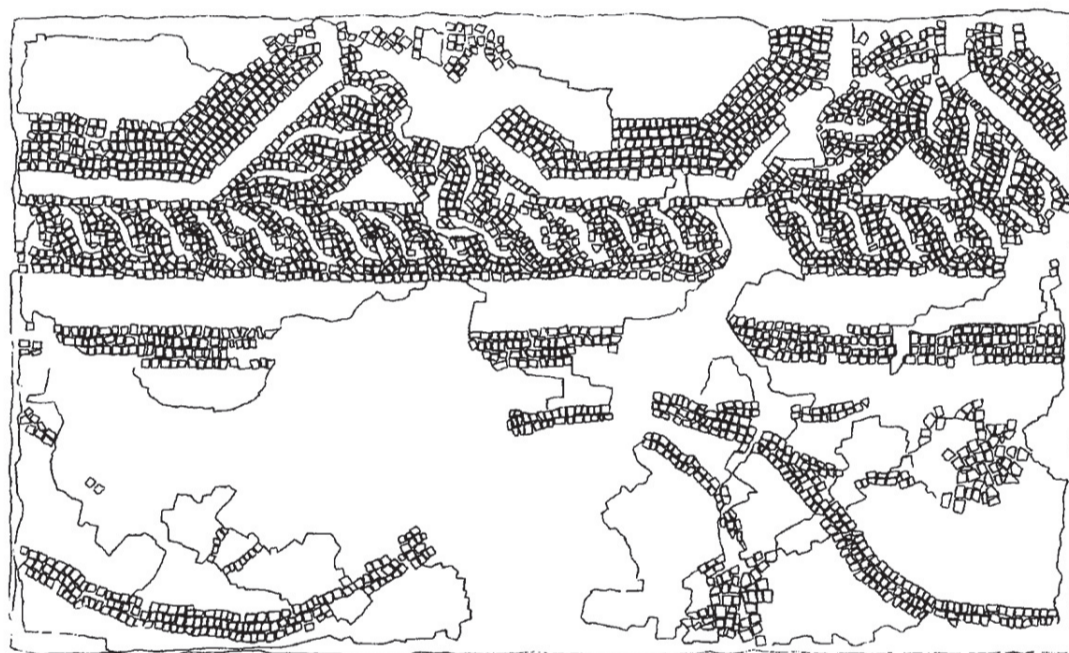


Figuras 2 e 3 — Desenhos dos fragmentos dos mosaicos existentes no Museu do Carmo, Lisboa. Dimensões: (44×54×6,5cm) e (44,5×90×12cm).

As descrições apresentadas nos catálogos são sumárias, ou não correspondem aos dois fragmentos de mosaicos, que ainda existem, pelo que não temos elementos suficientes, que nos possam dar a conhecer a proveniência exata destas peças. Sabemos que após a morte de Possidónio da Silva (1896), os seus herdeiros reclamaram a coleção particular de artefactos aí depositados pelo seu familiar. Esta poderá ser uma justificação para o desaparecimento de alguns dos mosaicos. Desconhecemos ainda os preceitos de cedência de peças a outras instituições ou a coleções particulares.

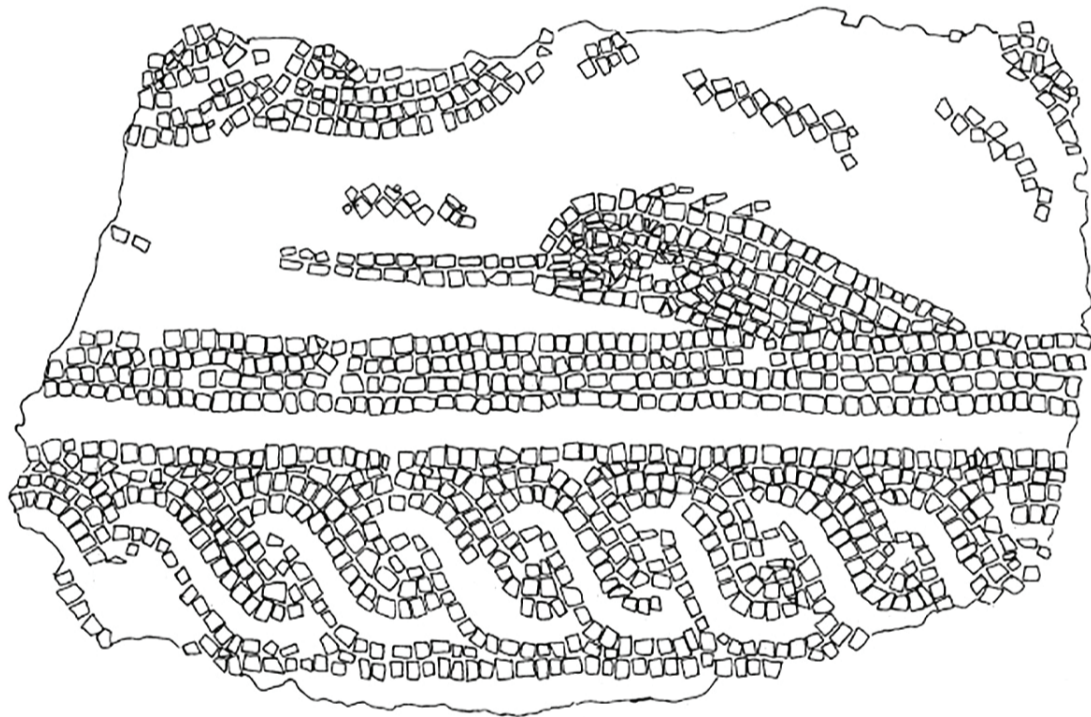
Estácio da Veiga e os mosaicos do Algarve

Nesta mesma década, Estácio da Veiga concluía a *Carta Archeologica do Algarve* (1877-78) e tendo reunido uma vastíssima coleção de materiais romanos com o objetivo de fundar o Museu Arqueológico do Algarve, que por vicissitudes várias não chegou a ver concretizado, reuniu nesta coleção mais de meia centena de fragmentos de mosaicos. Este espólio recolhido por Estácio da Veiga viria a formar o núcleo inicial do Museu Etnográfico Português (1893). Dele destacamos os mosaicos, que se mantiveram intactos e emoldurados até 1988, altura em que um financiamento atribuído pelo Instituto Português do Património Construído (IPPC) permitiu substituir os suportes originais por novos suportes ligeiros de resina epoxida. Pensamos que este procedimento poderia ter sido evitado. Tratando-se de mosaicos de pequenas dimensões, que, em média, oscilam entre 50 e 35 centímetros de lado, poderiam manter o suporte original, procedendo-se apenas à sua consolidação. Assim, perdemos toda a informação que esses suportes nos podiam fornecer, para além de termos perdido o desenho original e as verdadeiras dimensões do fragmento. Esta intervenção alterou o aspeto e o desenho dos motivos de alguns dos mosaicos e provocou a desagregação de tesselas noutros. O fragmento com o número de inv.: 18685 de Pedras d'El-Rei (Abraços 2011, p. 71) apresenta-se muito danificado e as tesselas continuam a desagregar-se, conforme podemos verificar na figura 5.



Figuras 4 e 5 — Mosaico de Pedras d’El-Rei, 1988 (antes do restauro) e desenho feito depois do restauro (F. Abraços e C. Viegas, 2005) .
AFMNA

No nosso estudo comparativo das dimensões dos mosaicos, antes e depois do restauro, verificámos que a intervenção feita ao nível do suporte alterou as dimensões do tesselato (Abraços 2006: 256). Quinze dos vinte e dois fragmentos viram aumentadas as suas dimensões de 1 a 9 cm no comprimento e de 1 a 3 cm na largura. Cinco apresentam medidas inferiores depois de restaurados.



Figuras 6 e 7 — Mosaico do Montinho das Laranjeiras, Alcoutim e desenho realizado depois do restauro (F. Abraços, 2003). AMNA

Destacamos também o caso do mosaico do Montinho das Laranjeiras, o mosaico do peixe, inv.:18754 (Abraços 2005. Anexo I, ficha 325), que perdeu 9 cm no comprimento e 2 na largura.

Leite Vasconcelos e a salvaguarda dos bens mosaísticos

Voltando aos nossos pioneiros oitocentistas da defesa patrimonial, lembramos Leite Vasconcelos, o primeiro diretor do Museu Etnográfico Português, que revelou grande interesse na salvaguarda dos bens mosaísticos, adquirindo para o museu cerca de uma dezena de mosaicos, entre eles o de Póvoa de Cós (Alcobaça), descoberto em 1902 e que considerou digno de conservação e estudo. Sobre a aquisição problemática deste mosaico manifestou o seu desagrado referindo que: “em todos os países civilizados se dá, effectivamente,

grande apreço aos mosaicos (...) Mas infelizmente, (em Portugal), por effeito da ignorancia provinciana, taes reliquias, quando por acaso se tem encontrado, hão sido descuidosamente destruidas, para se satisfazer algum fim immediato.”

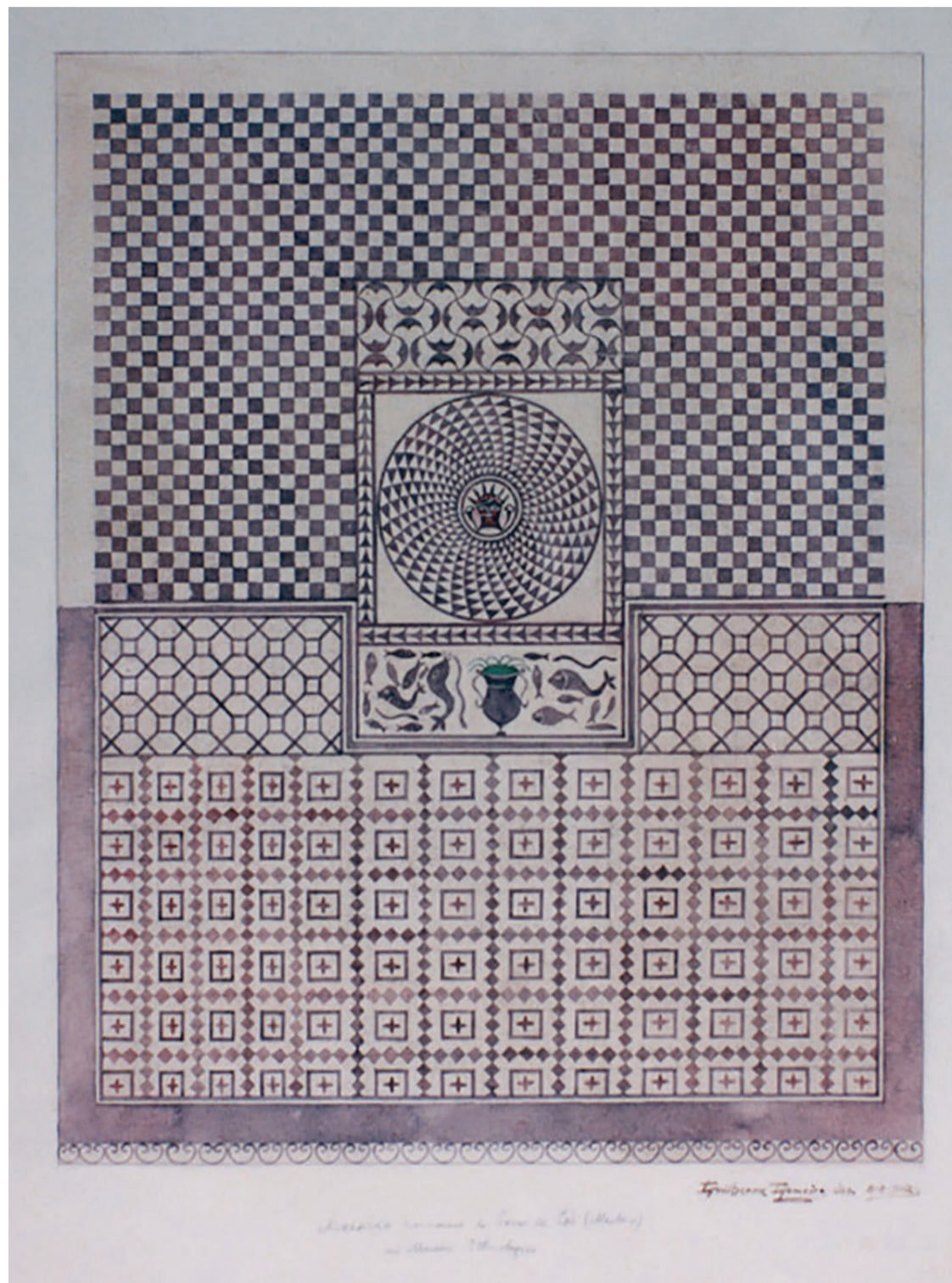


Figura 8 — Mosaico de Póvoa de Cós. Desenho de G. Gameiro, AFMNA

Este mosaico de Póvoa de Cós recebeu suporte de cimento armado, na década de 40 do século XX. Na década de 80 foi levantado e fragmentado em dezanove painéis, que ficaram depositados na reserva do museu. (Abraços 2005. Anexo I, ficha 112) e volvidos cem anos sobre a sua descoberta, apenas a parte do emblema central voltou a ser alvo de restauro na oficina do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas, onde foi restaurado por Carlos Beloto. Preparado com um novo suporte ligeiro e dividido em quatro placas, em que o preenchimento das lacunas e dos cortes foram feitos com tesselas de resina sintética magnetizadas com íman

para fazer a junção destas ao suporte (Abril, 2005). Consideramos a utilização de tesselas de resina sintética, na integração de lacunas, pouco científica. Sentir e saber escutar a obra de arte é fundamental: dela recebemos toda a informação explícita e implícita. Deve-se recuperar a técnica manual antiga e assegurar uma perfeita compatibilidade com os materiais musivos originais, tentando restituir a legibilidade da obra.

ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES E O LEVANTAMENTO DOS PRIMEIROS MOSAICOS DE CONÍMBRIGA

Regressando à última década do século XIX, lembramos o trabalho de António Augusto Gonçalves, que em 1899, procedeu ao levantamento dos primeiros mosaicos de Conímbriga e à sua transferência para o Instituto de Arqueologia de Coimbra. Estes “mosaicos conservaram uma camada pouco espessa de argamassa original e foram encaixilhados, fixados e completados com gesso.”⁴

Foi com um subsídio de 200.000 réis, atribuído pela rainha D. Amélia, que a Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra realizou os primeiros trabalhos de que resultou a descoberta de quatro mosaicos estudados nos anos sessenta por Bairrão Oleiro.

“Infelizmente, as referências a essas sondagens de 1899 são pouco precisas. Segundo Virgílio Correia, António Augusto Gonçalves foi apenas o orientador, pois o executor teria sido um práctico, o pintor Eliseu, que as fez segundo um velho processo hoje condenado, sondando os terrenos com alvião e, nos pontos que se afiguravam mais prometedores, abrindo valas e retirando o que se encontrava, sem outras preocupações que fossem além da recolha de objectos com interesse artístico ou museológico.”⁵

Acrescenta Bairrão Oleiro que “não é fácil precisar o local exacto da descoberta dos mosaicos. Faltam referências escritas suficientemente pormenorizadas, as pesquisas foram desarticuladas e dispersas, porquanto abrangiam pontos hoje totalmente escavados e outros em que ainda se não voltou a trabalhar, e não é possível associar os pavimentos então recolhidos a quaisquer estruturas arquitectónicas.”⁶ Sabemos hoje que o mosaico foi arrancado da sala 6 da Casa de Cantaber. (Abraços 2006. Anexo I:113-118). Tendo em conta que um dos mosaicos atingia os 17 m², Adília Alarcão considera, o levantamento e o tratamento deste mosaico, um trabalho notável. Em 1912, foram mudados para o Museu Machado de Castro, onde ficaram em exposição e em 1961 foram transferidos para o Museu Monográfico de Conímbriga, onde a equipa de restauro da DGEMN os desligou do suporte antigo e os assentou em placas de cimento armado.

4 Adília Alarcão e Carlos Beloto (1987) — *Restauro de Mosaico*, IPPC, Lisboa, p. 14

5 Oleiro, J. M. Bairrão (1973) “Mosaicos de Conímbriga encontrados durante as sondagens de 1899”, *Conímbriga*, 12, p. 67-158.

6 B. Oleiro (1973) — pp. 74.



Figura 9 — Painel retirado do mosaico de Conímbriga para oferta à Rainha D. Amélia e conservado no Palácio da Ajuda. Fotografia da autora, Junho 2003

Encontra-se na reserva do Museu do Palácio Nacional da Ajuda um fragmento de mosaico emoldurado e decorado com um moinho de peltas com nó de Salomão ao centro, que foi oferecido, em 1899, à Rainha D. Amélia pela Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra, como forma de agradecimento pelo apoio moral e material à exploração arqueológica efetivada em Condeixa-a-Velha, a antiga Conimbriga, como foi noticiado no Tribuno Popular de 15 de Novembro de 1899: “Instituto de Coimbra. O sr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconceloz foi a Lisboa oferecer a Sua magestade a rainha sr^a D. Amelia um painel, que mede cerca de um metro quadrado, com mosaico encontrado nas ruínas de Condeixa a Velha. O painel tem uma magnifica moldura de carvalho com a dedicatoria, em letras de porcelana e ouro com pregos de prata, da secção de Archeologia do Instituto a sua magestade a rainha, que foi quem auxiliou pecuniariamente as explorações alli feitas ha tempo. S. Magestade mostrou-se muito reconhecida pella offerta, dizendo achar-se satisfeita por ter concorrido para que realizassem aquellas explorações. (...)”⁷

Este fragmento de mosaico emoldurado foi retirado do mosaico original em 1899. Cerca de um quarto desse mosaico ficou exposto no chão de uma das salas do Museu Monográfico de Conimbriga, até à última remodelação do Museu. Encontra-se agora exposto junto à entrada das ruínas.

Manuel Heleno e a equipa de restauro do Opificio delle Pietre Dure de Florença

Queremos também destacar o papel de Manuel Heleno e as diligências que fez para trazer a Portugal a equipa de restauro do *Opificio delle Pietre Dure* de Florença. A vinda a Portugal desta brigada de restauradores italianos tornou possível encarar de forma mais segura o problema do levantamento e consolidação de mosaicos. Conhecidas as técnicas de arranque e assentamento e os resultados da sua aplicação foi possível começar a aplicá-las em Conimbriga.⁸ O *modus operandi* adotado, pela equipa de restauradores do Arquiteto Orlandini, diretor do *Opificio*, consistia na substituição do suporte do painel original por um suporte em cimento armado em rede seguida da recomposição dos painéis destacados

No verão de 1951, por iniciativa da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, uma equipa do Museu Etnológico, que coadjuvou os italianos, procedeu, em Conimbriga, sob a orientação de Manuel Heleno, ao levantamento e consolidação do mosaico do Sileno. Tinha-se planeado arrancá-lo e colocá-lo, depois de restaurado, no mesmo lugar. Na altura utilizavam-se dois métodos de levantamento: um feito com a ajuda de rolo, outro feito a partir do levantamento do mosaico por secções, seguido de desbaste do *opus signinum*. Manuel Heleno preferiu o segundo método por:

“manter melhor a pureza das figuras e a sua posição, evitando a deformação que a elasticidade da tela necessariamente provoca no processo do rolo. Por isso se dividiu o mosaico em 18 secções, que foram sucessivamente arrancadas, tratadas, restauradas e assentes no primitivo lugar. Certamente algumas deficiências se notarão neste trabalho. Mas ele ficará como a primeira tentativa feita em Portugal para consolidar e restaurar in situ os mosaicos lusitano-romanos do nosso território e libertá-los da máscara de areia com que se oculta e danifica a sua beleza.”⁹

Os operários, que trabalhavam em Conimbriga por conta da DGEMN familiarizaram-se com as novas técnicas ensinadas pelos funcionários do Museu Etnológico durante o verão de 1951 e continuaram a aplicar a mesma técnica para os restantes mosaicos.

No entanto, o novo método da aplicação do cimento, defendido pelos restauradores europeus, confirmado na Carta de Atenas e posto em prática pela equipa de Florença, tem-se revelado negativo. A oxidação dos ferros das estruturas internas do cimento provocou a dilatação destes, o arqueamento das placas e conseqüentemente o rebentamento da camada de aderência das tesselas. A migração de sais solúveis para a superfície dos mosaicos cobriu-os com uma película acinzentada de difícil remoção. Os efeitos térmicos provocaram o rebentamento do cimento e a deslocação das tesselas.

Perante estes resultados, este método foi sendo substituído ao longo da década de sessenta por uma nova metodologia para o levantamento e armazenamento dos pavimentos musivos e que substituiu a técnica do cimento armado.

8 Oleiro, J. M. Bairrão (1964) — *Ruínas de Conímbriga — Consolidação de mosaicos*, Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nº 116, Junho 1964, p. 19

9 Heleno, M. — [Ofício nº 6017] 1952 Janeiro 28, Lisboa [ao] Presidente do Instituto de Alta Cultura. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.



Figuras 10 e 11— Conímbriga. O legado da equipa de Florença (B. Oleiro, 1964)

A oficina de restauro de Conímbriga, pondo em prática o novo método, continua a sua tarefa tentando responder aos diferentes pedidos de restauro de mosaicos de várias estações arqueológicas, no sentido de consolidar e restaurar os mosaicos *in situ* ou por outro lado, consolidar ou substituir os antigos suportes de cimento armado por suportes sintéticos e ligeiros.



Figuras 12 e 13 — Na primeira figura, os técnicos de restauro Afonso Oliveira e Manuel Henrique Santos do Museu Monográfico de Conímbriga procedem à supressão da tela superficial de um dos painéis do mosaico das Musas. A segunda figura mostra o painel já com o suporte ligeiro de favo de alumínio.

Intervenções e métodos de restauro musivo

A par da oficina de restauro de Conímbriga foram surgindo, ao longo das duas últimas décadas do século XX, empresas privadas de restauro de materiais arqueológicos. A primeira foi criada, em Condeixa, por Carlos Beloto, ex-técnico restaurador de Conímbriga e que procedeu ao restauro de muitos mosaicos no sul do país. Outras empresas têm surgido, como a *Signinum*. Rui Cabral, técnico restaurador desta empresa, executou, em 1997, o restauro de alguns mosaicos, *in situ*, de *Conímbriga*. Pedro Braga, técnico restaurador da empresa Era-Arqueológica, Lta., ocupou-se, em 1998, do restauro de quatro mosaicos de Milreu, que revestem as salas localizadas junto ao canto nordeste do peristilo central da *villa*. É importante salientar a preocupação que este técnico-restaurador mostrou ao proceder ao estudo do relevo das salas e optar por manter as pendentes originais dos pavimentos, criando um sistema de drenagem canalizado por baixo do tesselato, aproveitando as lacunas deste, nas partes mais baixas das salas, para localizar os sumidouros. Para o reassentamento dos mosaicos sobre argamassa fresca refez todas as camadas segundo o modelo de Vitruvius. Apesar de todas as intervenções de restauro e do acompanhamento e manutenção dos pavimentos e estruturas, verificamos que alguns deles se encontram em muito mau estado de conservação. As intempéries, as variações de temperatura, as infiltrações e infestações, bem como os milhares de turistas, que visitam este sítio, quase sempre sem acompanhamento, apesar da existência de um Centro Interpretativo, continuam a ser as causas da degradação destes bens que se encontram *in situ*. É urgente uma intervenção de salvamento destes mosaicos e das estruturas arqueológicas da estação, que por se encontrar numa região de muito turismo, tem sido ao longo dos séculos, alvo de vandalismo. Já Leite Vasconcelos lamentava que: “ os bellos mosaicos romanos de Milreu, ao pé de Faro, tem sido pouco a pouco destruidos por quem lá vae para os ver! Cfr. O Arch. Port., IV, 223. — D’estes mosaicos até já chegaram fragmentos a Leiden! Ahi encontrei eu um ou dois, no Museu Archeologico, em uma das minhas viagens à Holanda. (Vasconcelos, 1903:148).

Muitas têm sido as intervenções no sentido da conservação e restauro deste património, mas nem sempre as opções têm sido as mais acertadas. Atualmente, tem-se evitado o levantamento de mosaicos e

tem-se procurado outras soluções. Uma solução é proteger os mosaicos por reenterramento: os mosaicos ficam permanentemente cobertos com uma camada de areia, bem lavada, cobrindo todo o mosaico com um mínimo de areia de 10 cm de espessura. Outra solução é manter os mosaicos periodicamente a descoberto: intercalando uma camada de geotextil entre a areia e o mosaico. Esta solução mantém as características do meio e evita danos provocados pela remoção periódica da areia.

Para qualquer das soluções é essencial uma manutenção muito cuidada: deve haver um controle da erosão e do recobrimento aluvionar. É necessário estudar a drenagem natural do sítio e muitas vezes é preciso introduzir drenagem artificial. Deve-se também calendarizar a verificação periódica do estado de conservação dos mosaicos, com base documental, recorrendo ao desenho, à fotografia e ao vídeo.

A conservação dos mosaicos tende para a sua preservação *in situ* para que melhor se possa entender a sua inserção e função na casa. O mosaico só será removido se se encontrar em muito mau estado de conservação, com as tesselas em desagregação e o sítio onde estiver inserido for destruído, nesse caso depois de se fazer a escavação das camadas subjacentes, o mosaico deve ser removido, tratado, guardado ou exposto em local adequado.

Os levantamentos de mosaico que se têm efetuado ultimamente têm como fim o estudo das camadas subjacentes, a necessidade de continuação dos trabalhos de escavação, a consolidação do leito de assentamento do mosaico, o tratamento do tesselato e a sua colocação em novo suporte e conseqüente restituição à situação original. No entanto, há que ter em consideração que cada caso é um caso, e que é necessário ponderar as diferentes opções de proteção antes de ser tomada qualquer decisão. O clima, a geologia e a pedologia variam de Norte para Sul e do litoral para o interior dando origem a uma grande diversidade de ambientes, por isso é necessário fazer-se uma monitorização de todos os mosaicos e elaborar uma carta de risco para cada estação, seguindo o exemplo do que tem sido feito no Rabaçal, que desde 2003, tem reunido uma equipa de âmbito internacional, cuja diversificada experiência profissional permitiu refletir sobre os problemas e ensaiar medidas de conservação preventiva. Realizaram-se algumas experiências sobre sistemas de proteção preventiva com areia, intercalada com geotêxtil e/ou com argila expandida, de acordo com diferentes estratificações, bem como a aplicação de diferentes ervicidas. Numa pequena área, ensaiou-se a exposição do *tesselatum* protegido com uma cobertura simples depois de previamente limpo e consolidado. Todas estas experiências foram monitorizadas ao longo de um ano e diagnosticadas de três em três meses. De um modo geral a monitorização demonstrou que a areia continuava a ser o sistema de melhor versatilidade e eficácia e que os ervicidas não afetavam particularmente os mosaicos. Por outro lado o mosaico posto a descoberto, reagiu positivamente à exposição durante o ano. Nos encontros de 2004 e 2005, atendendo aos bons resultados da exposição e cobertura provisória, optou-se, por realizar experiências análogas às anteriores, em áreas de outros sectores do sítio. Este trabalho tem sido realizado com o apoio da Câmara Municipal de Penela, da Universidade de Coimbra e o trabalho de voluntariado de vários especialistas. Consideramos que é urgente proceder à elaboração de uma Carta de Risco para os bens mosaísticos e que para isso contamos com os apoios das universidades, das empresas públicas e privadas, dos colecionadores, das Associações Culturais de Defesa do Património, do apoio monetário e logístico das autarquias e Secretaria de Estado da Cultura e do Mecenate, mas nos dias de hoje os apoios para os bens culturais são escassos. Não queremos ser pessimistas, mas continuando com uma política de abandono dos sítios arqueológicos, os mosaicos *in situ* e mesmo os que se encontram nos museus sem manutenção, não sobreviverão por muito tempo para fruição futura.

Dos mais de 250 sítios arqueológicos com mosaicos apenas são alvo de trabalhos de manutenção e

observação constante os mosaicos das estações da região de Braga; do Freixo em Marco de Canavezes; Paço de Vasconcelos em Ansião; Conimbriga; Rabaçal; Prado Galego, em Pinhel; Santo André de Almoçageme, em Sintra; Freiria; Oeiras; Frielas; Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros em Lisboa; Quinta das Longas; Torre de Palma; Herdade das Argamassas; Cerro da Vila e Milreu. Não quer dizer que muitas outras estações não tenham os seus mosaicos protegidos, mas não são alvo de monitorização constante. Os mosaicos de mais de 80% das nossas estações arqueológicas estão em risco.

Procurámos apresentar, com alguns exemplos, o *modus operandi* a que foram sujeitos alguns mosaicos, que se encontram atualmente em contexto, no sítio arqueológico, ou descontextualizados integrando as coleções de Museus. No entanto, e tendo em conta, que na reserva do Museu Nacional de Arqueologia (MNA) e em muitos outros museus estrangeiros, se encontram mosaicos provenientes da Síria, um património descontextualizado devido à comercialização, negócio ilegal muito praticado nesta região, que desde o terceiro milénio a.C. é o traço de união entre o mundo mediterrânico e o extremo oriente. Mas também, muitos dos bens patrimoniais deste território têm sido protegidos e conservados fora do seu local de origem e circulado ao abrigo do intercâmbio cultural e de cooperação existente entre estados, conforme o protocolo realizado no início do século XX entre a Síria e a Bélgica para os mosaicos de Apameia.

O levantamento dos mosaicos de Apameia, Síria e a intervenção belga

O imenso campo de ruínas de Apameia foi visitado por muitos viajantes ocidentais desde o início do século XX, o que motivou a sua exploração sistemática, a partir de 1928. Coube a uma equipa belga o árduo trabalho de trazer à luz os tesouros adormecidos. Nos termos do acordo de partilha, entre a Síria e Bélgica, foram trazidos para Bruxelas os mosaicos hoje expostos nos Musées Royaux d'Art e d'Histoire, no Parque do Cinquentenário: os mosaicos do pórtico da grande colunata, os mosaicos da sinagoga e da catedral e o mosaico da “grande caçada” da residência do governador, entre outros.

Estes mosaicos foram levantados do seu local de origem, em painéis com uma dimensão entre um e dois metros quadrados e foram restaurados graças ao paciente trabalho de Jean Lahaye. O mosaico da “grande caçada” da residência do governador foi descoberto na campanha de 1935, tendo-se procedido ao seu levantamento imediato, cortando-o em cinquenta e dois painéis. Foram feitos decalques, em aguarela, das partes cortadas, de modo a facilitar e executar com precisão o fecho das juntas na recolocação dos painéis no museu. Em 1946, devido a um incêndio, o mosaico necessitou de um segundo restauro, que se realizou de 1960 a 1965, de modo a apresentar-se tal como se pode admirar hoje.¹⁰

10 Janine BALTY (1986) — *Mosaïques d'Apamée*, Musées Royaux d'Art et d'Histoire, Bruxelles.



Figuras 14 e 15 — Aspecto do mosaico antes do último restauro, onde são visíveis as juntas de ligação entre os painéis. (Balty,1986, fig. 26) e aspecto atual do mosaico da “Grande caçada”, resultante do restauro de 1946. Não são visíveis as juntas de ligação entre os painéis. Fotografia da autora, Maio 2005

Os mosaicos da Síria da coleção do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa

Provenientes de Balquis, Selêucia do Eufrates estão depositados, na reserva do MNA, cinco fragmentos de mosaicos que faziam parte de um pavimento musivo, que apresentava um painel central com o deus Neptuno, como representação do Mar Mediterrâneo, rodeado pelas Províncias Romanas. Este mosaico foi desmembrado em cerca de quarenta fragmentos, hoje espalhados por mais de uma dezena de proprietários. Foram comprados pelo Cônsul de Portugal em Alepo e enviados para o Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa, onde se mantiveram até 1951, altura em que passaram a integrar o acervo do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa.

Em 1988, foram restaurados por Carlos Beloto. Foi-lhes retirado o caixilho de madeira e o suporte de argamassa, tendo recebido um novo suporte ligeiro de resina epóxida, o que, mais uma vez, alterou a constituição e a dimensão dos mosaicos, conforme podemos ver nas figuras 19-20 e 21-22.



Figuras 16, 17 e 18 — MNA, inv.:2002.5.3 (0,70×0,55 m); inv.: 2002.5.4 (0,69×0,59 m); inv. : 2002.5.5 (0,47×0,49m). AFMNA



Figuras 19 e 20 — MNA, inv.: 2002.5.1 (0,66×0,46 m); Antes e depois do restauro feito em 1988. (AFMNA e F. Abraços, 2006)



Figuras 21 e 22 — MNA, inv.:2002.5.2 (0,68x0,49 m). Antes e depois do restauro de 1988.(AFMNA e F. Abraços, 2006)

A conservação de mosaicos deve tender para a sua preservação *in situ* para que melhor se entenda a sua inserção bem como o seu envolvimento arquitetónico. Os levantamentos de mosaicos que se realizam ultimamente têm como fim o estudo das camadas subjacentes, a necessidade da continuação dos trabalhos de escavação, a consolidação do leito de assentamento do mosaico, o tratamento do tessellato e sua colocação em novo suporte e consequente restituição à situação original.

Não devemos esquecer que qualquer intervenção deverá ser reduzida ao mínimo indispensável, devendo sempre ser acompanhada de um estudo aprofundado. As reconstruções a efetuar deverão limitar-se à “anastilose”, ou seja, à reconstrução baseada unicamente em elementos seguros; é necessário garantir a reversibilidade da intervenção, de maneira que, em qualquer momento, se possa alterar o que foi acrescentado.

No III Colóquio AISCOM (Associação Italiana para o Estudo e Conservação do Mosaico), realizado em 1995, Gael de Guichen e Roberto Nardi¹¹ lembraram que alguma coisa mudou na década de 70, devido ao papel do ICCM (International Committee for the Conservation of Mosaics), onde foram lançados os fundamentos comuns para o confronto cultural e técnico. Esta iniciativa foi continuada com a organização de um encontro trienal de especialistas sobre o tema da conservação do mosaico com a consequente publicação de atas. Multiplicou-se a iniciativa no campo da formação e da informação.

Tem-se notado uma evolução no campo da consolidação *in situ*, uma maior atenção e respeito pela estratigrafia e contextos arqueológicos, uma crescente sensibilidade e disponibilidade para informar. Observa-

11 Gael de GUICHEN e R. NARDI (1996) — “La conservazione dei siti archeologici: strategie, tecniche e strumenti. Il caso del mosaico, III Colloquio AISCOM, Istituto Internazionale di studi Liguri (Bordighera, 6-10 dicembre 1995), Bordighera, p. 488.

se um lento e tímido aumento da prática de planificar as intervenções. “No passado, pensava-se no objeto, hoje enfrenta-se a coleção; no passado pensava-se na sala, hoje pensa-se no edifício; dantes planificava-se à semana, hoje planifica-se ao ano; dantes tudo se realizava em segredo, hoje informa-se. Hoje, procura-se prevenir o dano aplicando medidas e técnicas de conservação preventiva”.¹² Roberto Nardi defende que a solução ideal, mais viável e com custos mais baixos, será a proteção do mosaico *in situ* apenas com resguardo feito por recobertura e com a apresentação feita por documentação.¹³

A musealização deve ser feita dentro do contexto para melhor se entender o passado, no entanto não podemos desaprovar todos os levantamentos de mosaicos, que foram realizados até meados do século XX, porque devido a essas ações, que pontualmente condenamos, hoje podemos estudar e fruir a beleza de muitas dessas peças musivas. Os mosaicos da Síria, atualmente, local de um dos maiores conflitos mundiais, são exemplo disso. O conflito armado em curso na Síria é uma séria ameaça ao seu património cultural. Os sítios arqueológicos são os mais vulneráveis à destruição, roubos e saques. A UNESCO, solicitou à polícia internacional está e às autoridades dos países membros desta organização para reforçarem a vigilância nos seus territórios, de modo a impedir o tráfico de bens culturais sírios ou de países vizinhos, em especial a entrada e comercialização de mosaicos antigos furtados da Síria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abraços, Maria de Fátima (2005) “Os Mosaicos Romanos”. *Construindo a Memória. As coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. AAP. Lisboa, pp. 241-245.

Abraços, Maria de Fátima (2006) *Para a História da conservação e restauro do mosaico romano em Portugal*. Vols. I-II-III, Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, Lisboa, policopiado.

Abraços, Maria de Fátima (2008) «Conservation et restauration des mosaïques romaines au Portugal — Quelques exemples dans les collections de musées». in *Proceedings. Lessons learned: reflecting on the Theory and practice of mosaic conservation*. The 9th Conference of the International Committee for the Conservation of Mosaics. Getty Publications, Tunisia, 2005, pp. 69-74.

Abraços, Maria de Fátima (2011) “Os mosaicos romanos de *Bracara Augusta* da coleção do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, Braga”. *O mosaico romano nos centros e periferias. Originalidades, influências e identidades. Actas do X Colóquio AIEMA*, Conimbriga 2005, pp. 827-835.

MARIA DE FÁTIMA ABRAÇOS

Doutorada em História da Arte pela Faculdade de Letras de Lisboa, onde defendeu, em 2006, a tese intitulada: “Conservação e restauro dos mosaicos romanos em Portugal”. Membro integrado e investigadora do Instituto de História da Arte da FCSH/UNL. Membro da AAP — Associação dos Arqueólogos Portugueses; membro do ICCM (Comité internacional de Conservação de Mosaicos); membro da AIEMA (Association pour l’Étude de la Mosaïque Antique) e membro fundador da APECMA (Associação para o Estudo e Conservação do Mosaico Antigo). É autora de publicações em revistas da especialidade e atas de congressos nacionais e internacionais, onde participa regularmente.

12 Gael de GUICHEN e R. NARDI, *op. cit.*, p. 489.

13 R. NARDI (1994) — “The first step in preventive conservation: the analysis of the problem”, *Vª Conferência ICCM 93*, Conimbriga, pp.185-195